



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

CAMPO RELACIONAL DIALÓGICO NO ENSINO DA ANÁLISE TRANSACIONAL

Carolina Schmitz da Silva¹

Ede Lanir Ferreira²

Maria Imaculada Gonçalves de Almeida³

Resumo

Este artigo apresenta o processo de aprendizado partindo da atenção até o diálogo, passando pela formação da memória até os conceitos da Análise Transacional (AT), que fortalecem a importância do contato através do diálogo. Seu objetivo é apresentar a relevância da criação de um campo relacional dialógico para facilitar a aprendizagem, em particular do ensino da AT. A natureza deste fenômeno – o campo relacional dialógico, essencialmente humano, está ligado às necessidades que cada pessoa tem, de estar em contato. À pesquisa bibliográfica em literatura de educação e Análise Transacional, se juntou o relato de um experimento prático na utilização do diálogo como metodologia central na facilitação de um curso de introdução à AT. Conceitos e experimentos parecem convergir para corroborar a fundamental importância da formação do campo dialógico na facilitação dos processos de aprender individuais e grupais.

Palavras-chave

Análise Transacional; campo relacional dialógico; aprendizagem; memória; atenção.

Abstract

This article presents the learning process starting from attention to dialogue, through memory formation to the concepts of Transactional Analysis (TA), which strengthen the importance of contact through dialogue. Its objective is to present the relevance of creating a dialogical relational field to facilitate learning, in particular TA teaching. The nature of this phenomenon – the dialogical relational field, essentially human, is linked to the needs that each person has, to be in contact. To the bibliographical research in education literature and Transactional Analysis, was added the report of a practical experiment in the use of dialogue as a central methodology in facilitating an introduction course to TA. Concepts and

¹ Analista Transacional didata em formação, certificada para as áreas organizacional e educacional

² Analista Transacional didata, certificada para as áreas psicoterapia, ciências da saúde e educacional

³ Analista Transacional didata, certificada para as áreas organizacional e educacional



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXII 2023

experiments seem to converge to corroborate the fundamental importance of forming the dialogic field in facilitating individual and group learning processes.

Key words

Transactional Analysis; dialogic relational field; learning; memory; attention.

O ensino dialógico acontece através de diálogos equilibrados, em comunicações nas quais a capacidade dos envolvidos é qualificada, cujo objetivo é a transformação do conhecimento existente e que, segundo Aubert (2008), envolve o contexto sociocultural na obtenção de objetivos comuns.

Podemos entender a educação dialógica como um encontro em busca de conhecimento. Segundo Paulo Freire *in* Freire (2017) a capacidade de dialogar no processo educativo é o que traz para as pessoas que dele fazem parte a libertação, ou, em uma linguagem da AT, a Autonomia. Neste campo dialógico, as pessoas serão protagonistas do conhecimento, em uma rede formada utilizando a comunicação como base, que não se restringirá ao relacionamento aprendiz e aprendizado.

Embora a aprendizagem seja a razão do relacionamento estabelecido, cada pessoa envolvida será impactada pelas transformações promovidas pelo campo relacional, educador e aprendiz e muitas vezes o próprio conhecimento acrescido das experiências das pessoas envolvidas. Para tanto o diálogo é pilar central, pois tem a função de facilitar a sintonização entre as pessoas e de aproximá-las da captura, elaboração e assimilação dos conteúdos.

A questão que nos mobilizou a escrever este texto e observar a atuação dos nossos alunos em um experimento dialógico foi: a educação dialogada de fato proporciona um espaço mais potente de aprendizado?

Assim o objetivo deste artigo é apresentar argumentos nessa linha, ou seja, voltados para aplicação de um ensino de AT baseado no diálogo ou na formação de campos relacionais



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

dialógicos. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, apresentamos um relato de caso. O caso abrange aspectos do experimento dialógico na facilitação supervisionada de um Curso de Introdução à Análise Transacional (AT 101), por estudantes da formação de Análise Transacional (AT 202) como parte do módulo de encerramento. Um objetivo específico do experimento foi criar condições para que os alunos experimentassem o ensino da AT em contato com os participantes, sem utilização de recursos eletrônicos, criando de fato um campo dialógico.

A metodologia escolhida, relato de caso (Yoshida, 2007), embora não seja considerada uma referência científica de alto nível de evidência, é uma importante fonte de informação. Neste artigo a metodologia permitiu o cotejamento da literatura existente com o resultado do experimento.

No nosso entendimento o ensino geral ganha qualidade e consistência com as intervenções dialógicas. Considerando essa percepção, o ensino da Análise Transacional tem muito a ganhar em um campo dialógico, uma vez que os conceitos são enriquecidos quando em contato com fragmentos da vida dos participantes. Entendemos que é uma vertente de estudo que pode agregar valor a área educacional da AT.

Processo de Aprendizagem

A aprendizagem é um processo interno, complexo, que ocorre ao longo de toda a vida da pessoa e se inicia ainda no ambiente intrauterino. Cada uma das etapas de desenvolvimento oferece possibilidades e oportunidades, bem como dificuldades e impedimentos para que tal aprendizado aconteça.

A aprendizagem não ocorre de modo isolado, é uma jornada colaborativa que acontece via contato da pessoa com as outras pessoas e com o meio onde está. A interação



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

com o ambiente confirma conexões neurais existentes ou induz a formação de novas conexões que redundarão em novos comportamentos e novas aprendizagens.

Os comportamentos são aprendidos e não programados pela natureza. Embora o cérebro humano tenha a programação básica e planejamento para desenvolver certas capacidades, mesmo as capacidades mais simples precisam ser aprendidas.

Segundo Trevisol (2018) o processo de aprendizagem é aquele no qual a pessoa traz para si, através da interação com outras pessoas e mediação do contexto social onde vivem, aspectos do conhecimento e experiência humanos.

Analisando o desenvolvimento humano e os diferentes contextos pelos quais a pessoa passou, podemos inferir que o cérebro infantil (com um volume menor de experiências e registros) tem maior facilidade para aprender e promover grandes modificações. Isto nos leva a algumas considerações: a plasticidade neuronal dura a vida inteira, logo a capacidade de aprendizagem também (Cosenza & Guerra, 2011); a facilidade para fazer e desfazer conexões neurais é maior nas crianças e menor nos adultos, mas existe nos dois.

A aprendizagem será a facilitação de um fluxo de informação ao longo das sinapses, de tal maneira que tais informações possam se transformar em recursos armazenados na memória implícita da pessoa.

Os novos conceitos mais os conhecimentos já existentes no repertório da pessoa aumentam a complexidade das conexões neurais e podem promover a associação com circuitos independentes. Logo, o ato de aprender é um fenômeno individual, privado e alinhado a história de cada um. O ato de aprender, o quanto a pessoa aprende, o quanto aplica e o quanto se converte em repertório está conectado ao seu Quadro de Referência e às suas decisões de *Script* (Berne, 1972).



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

[@unatbrasil](https://www.instagram.com/unatbrasil)

ANO XXXII 2023

O Quadro de Referência (QR) foi conceituado na Análise Transacional inicialmente por Schiff et al (1972) como uma estrutura de respostas associadas (condicionadas) - vias neurais - que integra os vários Estados do Ego em resposta a estímulos específicos, que fornece um conjunto perceptivo, conceitual, afetivo e de ação geral que é usado para definir o eu, as outras pessoas e o mundo, tanto estrutural quanto dinamicamente. Segundo Clarke e Dawson (1988), cada pessoa adulta terá uma maneira especial e única de ver o mundo e interpretar os acontecimentos da vida. Esse sistema complexo de respostas difusas e sempre presentes é o Quadro de Referência. É construído pouco a pouco desde a infância como um composto das decisões que a criança toma em resposta às experiências pessoais, à família e à cultura.

Assim o Quadro de Referência gera para cada pessoa uma forma inigualável de perceber e dar significados aos diferentes acontecimentos. É um sistema complexo e presente em todas as interações da pessoa com outras pessoas, com a realidade e consigo mesma, no diálogo interno. As experiências, as decisões, as interpretações e as atribuições de significado geram crenças, comportamentos, respostas, hábitos, pensamentos e a percepção de sentimentos, com os quais a pessoa reagirá aos diferentes estímulos da vida, inclusive aos relacionamentos de aprendizado.

Podemos dizer que o QR media o processo de aprendizado, como um filtro que permitirá ou não a aquisição de determinado conhecimento, habilidade ou comportamento. Um modo como o QR de cada pessoa reage com os estímulos externos, quaisquer deles, é qualificar apenas o que está consonante com os registros já existentes nele, desqualificando tudo o mais. A Desqualificação (Schiff et al, 1975) é um mecanismo não consciente, relacionado com o Quadro de Referência da pessoa. Através deste mecanismo a pessoa ignora aspectos de si, das outras pessoas e da realidade objetiva. Em relação aos aspectos



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

desqualificados há baixo potencial de aprendizado ou mudança sem uma ação deliberada de desenvolvimento.

Desafios do Aprender

Atenção, memória, contato, estratégias de ensino – são alguns dos muitos desafios do “aprender”. Não são os únicos, nem mais importantes, mas foram escolhidos para compor este texto considerado as ricas possibilidades viabilizadas pelos temas.

Atenção

Estruturalmente, atenção é focar determinados aspectos e dispensar o dispensável. A seleção destes aspectos é influenciada por preferências, experiências anteriores, necessidades e estado emocional.

O Quadro de Referência da pessoa fundamenta a direção e a qualidade da atenção, ou seja, o que perceber e o que não ver ou ignorar – assim como a intensidade da percepção ou não percepção dos aspectos. Como este filtro de interpretação vale também para o diálogo interno e para os processos de comunicação, muitas vezes ultrapassar esta barreira de suposições diferentes é fundamental para acontecer o aprender.

Segundo Consenza & Guerra, (2011) a atenção fundamental para a aprendizagem é a atenção executiva, que proporciona a aprendizagem consciente da pessoa, está relacionada aos mecanismos de autorregulação (capacidade de modular o comportamento de acordo com as demandas cognitivas, emocionais e sociais de uma determinada situação).

Mediando a autorregulação está o Quadro de Referência. Se o registro no QR é que é fácil a incorporação de novos conhecimentos e a mudança das nossas respostas, tanto melhor, a aprendizagem acontecerá com maior fluidez. Se no Quadro de Referência o registro



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

é de dificuldades ou desesperança associadas a novos conhecimentos e comportamentos, antes de qualquer procedimento, necessitamos facilitar a neutralização deste bloqueio.

Memória

Memória é o nome dado à capacidade mental, que codifica, armazena e recupera informações. A memória permite a guarda dos elementos do passado da pessoa e é função essencial para o aprendizado e conseqüentemente para a sobrevivência. A memória permite que a pessoa faça uma adaptação às próprias necessidades e ao seu contexto. A aprendizagem envolve a utilização da memória, pois no processo de construção do conhecimento, as informações são codificadas, processadas e armazenadas na memória.

Para Cardoso (2006), a memória é uma capacidade cognitiva que configura a base da aprendizagem. O armazenamento mental de representações do passado permite a elaboração de recursos que viabilizam o aproveitamento da experiência do presente. Considerando que aprendizagem pode gerar o desenvolvimento de novos comportamentos, é a memória que retém os conhecimentos aprendidos que serão base dos novos comportamentos. Aprendizagem e memória apoiam conhecimento, habilidades e planejamento e levam a pessoa a considerar o passado, se situar no presente e prever o futuro.

Do ponto de vista estrutural, a memória está intimamente relacionada com o hipocampo. Ele é primordial para transformar a memória de curto prazo em memória de longo prazo. O hipocampo é um caminho importante para que as lembranças antigas sejam armazenadas, contudo não é o lugar onde são guardadas. As lembranças são levadas para o hipocampo (memória temporária) e logo depois elas vão para o córtex cerebral (é a camada mais externa do cérebro dos vertebrados, rico em neurônios). O hipocampo informará ao



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

córtex cerebral da importância de se reforçar determinada informação, assim, consolidando a memória sobre algum evento.

O hipocampo ajuda a solidificar o padrão de conexões que formam uma memória, mas a memória em si depende da solidez das conexões entre as células cerebrais individuais. Para que estas lembranças sejam armazenadas, é necessário que as sinapses levem estas informações e a sinapse envolvida irá depender do tipo de memória.

De acordo com Atkinson e Shiffrin (1971), as informações passam por diferentes lugares de armazenamento à medida em que são processadas, assim a memória se divide em três tipos diferentes: sensorial, de curto prazo e de longo prazo.

A memória sensorial - de curta duração, registra informações através dos sentidos. Processa uma grande quantidade de estímulos que permanecem o tempo necessário para sua seleção e identificação para posterior processamento.

A memória de curto prazo é a memória operacional ou de trabalho. Retem poucos elementos por um curto período de tempo. Este tipo de memória se divide em quatro partes: visuoespacial (imagens); episódica (integra informações visuais, espaciais e temporais); fonológica (informações verbais); operacional (controlada e regulada pelo sistema executivo).

A memória de longo prazo retém informações por mais tempo e pode ser explícita ou implícita. A memória explícita, também conhecida como memória declarativa, é um dos principais subconjuntos de memória de longo prazo nas pessoas. O outro tipo de memória de longo prazo é chamado de memória implícita ou não declarativa.

A memória explícita é o provisionamento consciente das informações e está envolvida no reconhecimento de pessoas, lugares, objetos e tudo o que se relaciona com isso. A memória explícita pode ser semântica e episódica. Segundo García-Lázaro et al (2012) a memória semântica é responsável por consolidar o conhecimento do mundo à volta da



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

[@unatbrasil](https://www.instagram.com/unatbrasil)

ANO XXXII 2023

peessoa, mas através de palavras. A memória semântica permite que a pessoa se comunique através da linguagem verbal e através dela o cérebro armazena todo tipo de informação sobre as palavras, inclusive o que representam e significam. A memória episódica, segundo Camina e Güell (2017), armazena e evoca as experiências pessoais em primeira mão. Permite a pessoa ser capaz de se lembrar de uma sequência de eventos que ocorreram durante uma ocasião específica, onde e quando ocorreu, além de detalhes envolvidos. Geralmente, as memórias episódicas são mais vívidas se o evento atribuído a elas foi significativo.

Em Squire LR (1987) encontramos a definição da memória implícita como a capacidade de adquirir habilidades percepto-motoras ou cognitivas, através da exposição repetida a um estímulo ou atividade; estas experiências só podem ser aferidas pela melhora no desempenho da pessoa, já que não são expressas de maneira consciente ou intencional.

Assim, os conhecimentos adquiridos, lembrados e utilizados conscientemente são oriundos da memória explícita e aqueles que são lembrados sem esforço, sem consciência e sem intenção deliberada virão da memória implícita.

O aprendizado mediará a conversão da memória explícita transitória (ou memória operacional ou de trabalho) em memória permanente, o que se dará pela ativação dos registros já armazenados (Figura 1) através de sistemas de repetição como por exemplo, recursos verbais e imaginação visual.

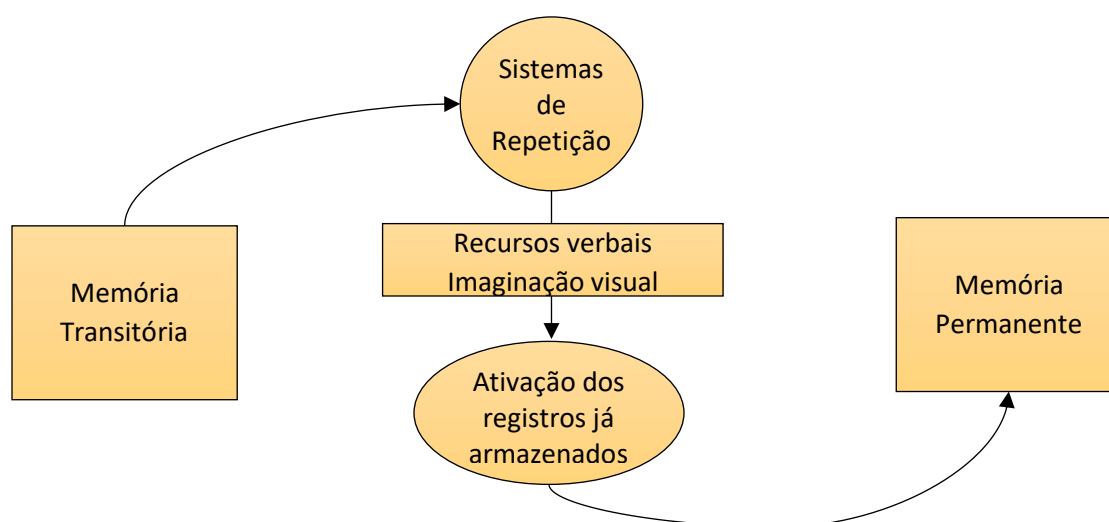


Figura 1 - Conversão da memória explícita transitória em memória permanente

O bom funcionamento da memória operacional (explícita transitória) é, portanto, fundamental para os processos de aprendizagem. A porta de entrada para que isto aconteça e que registros sejam armazenados é inicialmente o filtro promovido pela atenção da pessoa, depois entra em ação o processo de codificação de experiências ou informações que irão definir a relevância (segundo o Quadro de Referência) das experiências e informações. Isto feito, alterações em circuitos e sinapses se tornarão mais eficientes e, após repetição e elaboração das experiências e informações o registro será armazenado na memória permanente (Figura 2).

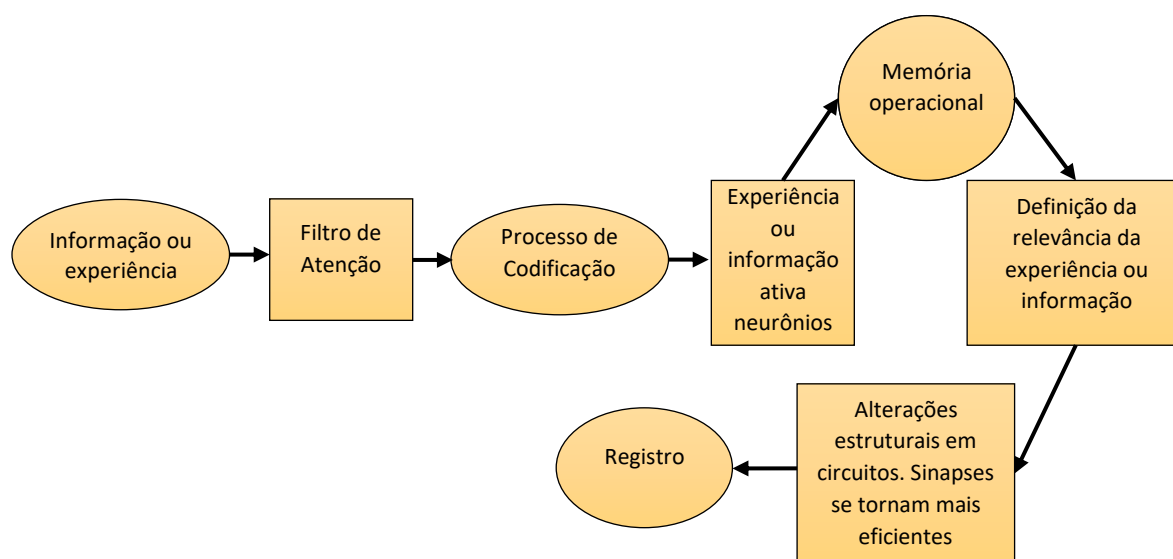


Figura 2 – Formação de um registro

O registro será fixado através de três processos: repetição, elaboração e consolidação. A repetição se dá pelo contato com informações ou experiências em diferentes oportunidades através de diferentes canais. A elaboração é a associação com registros já existentes, o que poderá acontecer com experimentações e reflexões. Os diálogos possibilitam campos relacionais abertos que podem validar as experiências anteriores das pessoas e suas percepções acerca daquelas e das novas apresentadas. A elaboração demanda mais de um canal, ou seja, processamentos visual, auditivo, olfativo, gustativo, dentre outros.

As informações ou experiências muito repetidas e muito elaboradas geram conexões neurais estabilizadas no cérebro, ou Representações Generalizadas. Segundo Hine (1997) Representações Generalizadas (RGs) são pedaços de memória que são ativados, por um evento, cujas partes componentes interagem entre si para produzir uma resposta estável e



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

previsível ao evento. As RG das experiências são construídas e armazenadas à medida que os receptores na mente assimilam o semelhante e desqualificam o diferente. Assim, uma Representação Generalizada de um evento é o conhecimento e as reações a esse conhecimento. As reações são sintetizadas a partir das percepções de várias ocorrências diferentes de eventos semelhantes, até se tornar o estereótipo esperado para ocorrências futuras da mesma experiência. Um "evento" pode ser desde experiências mentais até as físicas, passando pelas experiências afetiva, cognitiva, somática, pode ser uma interação, uma reação interna ou uma percepção passiva, dentre diferentes outras experiências nas quais a pessoa está de alguma maneira.

Podemos, portanto, conectar atenção, memória e Representações Generalizadas como etapas do processo de aprendizagem, considerando a atenção (e o QR) um filtro que media o interesse da pessoa, a memorização como um potencial objetivo a ser cuidado e as Representações Generalizadas, aspectos a serem conhecidos e atualizados.

Como fazê-lo considerando a aprendizagem da Análise Transacional? Entendo que as metodologias ativas, dialogadas e vivenciais de aprendizagem podem viabilizar a conquista da atenção, a subsequente memorização e a atualização do Quadro de Referência (Representações Generalizadas).

Neste texto, queremos ressaltar o papel e a importância do diálogo no processo de aprendizagem, pois, em qualquer das metodologias citadas o diálogo é componente central. Agregaremos ao diálogo o adjetivo sintonizado, considerando Erskine, Moursund e Trautman (2023): sentir-se compreendido e em contato envolve mais do que alguém que conhece o significado lógico e racional das palavras. Envolve fazer o interlocutor saber o que sentimos sobre as palavras ditas e abrir espaço para uma reverberação mútua dos sentimentos que permeiam o diálogo. Sintonização começa com a empatia; é a qualidade relacional dentro da



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXII 2023

qual o tato interpessoal prospera e significa também atenção ao diálogo interno que é participante simultâneo dos diálogos.

Aprender através de diálogos sintonizados

Um diálogo sintonizado colabora com a construção de um campo relacional no qual as pessoas podem experimentar a permissão para aprender. Parece-nos que a partilha relacional de conhecimento, simétrica e nivelada, possibilitada pelo diálogo sintonizado será consequência ou condição para a Oqueidade tal como conceituada pelo Berne (1966,1972) e abordada por Hargaden e Sills (2002) como tendo uma estrutura relacional, Eu estou OK/ Você está OK que contém um dado relacional relevante: eu sou e você é, existindo separadamente mas conectados. A Oqueidade (Eu OK/Você OK) é algo valioso, válido e respeitoso para a potencialização do aprendizado.

Em Oqueidade e deliberadamente sintonizado o diálogo possibilitará um ambiente onde os envolvidos se sintam atendidos, respeitados, olhados, percebidos. Segundo Almeida et al (2021) estas variáveis representam o amor inequívoco, que é conectar-se ao outro, a ponto de percebê-lo em sua singularidade e ao recebê-lo entender que ali existe um outro ser humano nem melhor e nem pior.

A partilha de momentos relacionais proporcionados pelo diálogo sintonizado cria a base para o aprendizado, uma vez que sanadas as necessidades relacionais, as pessoas estarão com maior disponibilidade de focalizar a atenção e flexibilizar seus Quadros de Referências na absorção de novos conhecimentos, habilidades ou comportamentos.


O conhecer/reconhecer/atualizar/expandir do Quadro de Referência acontece no relacionamento, já que o diálogo sintonizado alicerça a valorização mútua, abre espaço para entendimentos cognitivo e emocional das pessoas envolvidas. No diálogo sintonizado




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXII 2023

surtem/emergem necessidades, expectativas, percepções e, principalmente a possibilidade rica de ir além das fronteiras do Quadro de Referência: o que pode gerar registros consistentes na memória, atualização/criação de Representações Generalizadas, ou seja, se dá o aprender efetivo.

O diálogo sintonizado permite um espaço de convivência harmônica e neste espaço é possível ouvir, observar, pensar, compreender, potencializar os próprios conhecimentos, ultrapassar limites, criar, inovar, ou seja, realizar o potencial de expansão.

Um aspecto relevante do diálogo sintonizado é a possibilidade verdadeira de enxergar a si mesmo, pois quando o diálogo acontece há a compreensão da outra pessoa dos pensamentos da primeira. Faz parte do aprendizado via diálogo sintonizado, a consciência da realidade interna da outra pessoa e de si mesmo. Como diz Goleman (2011), durante um diálogo (especialmente no diálogo sintonizado) cada pessoa passa a ser impactada pelos estados cerebrais da outra pessoa, possibilitando a modelagem aos sentimentos uma da outra. Ao refletir sobre esta ocorrência fisiológica do diálogo, acrescentamos a responsabilidade como um aspecto primordial do aprendizado através do diálogo sintonizado. As pessoas influenciam e são influenciadas continuamente, por pensamentos, sentimentos e comportamentos. Cuidando amorosamente deste campo relacional haverá interação verdadeiramente empática e a neutralização das barreiras ao aprendizado.

Considerando que o ensino de uma teoria de comportamento que é a Análise Transacional, seu conteúdo inevitavelmente toca a história dos alunos e facilitadores. Em muitas ocasiões a história de vida dos envolvidos é matéria prima para a elaboração e consolidação dos temas.

Trazendo inspiração da obra de Freire (1984, 2017, 2019), acreditamos que alguns aspectos são fundamentais na criação e sustentação destes diálogos de aprendizado da AT:



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXII 2023

- O diálogo é mais que um método, é uma estratégia cuja essência é respeitar o saber do aprendiz que chega;
- O diálogo sintonizado é uma relação nivelada pela horizontalidade e não a verticalidade, ou seja, traz em si a ética da simetria, logo, da Oqueidade;
- Sendo uma relação horizontal, o diálogo sintonizado é nutrido pelo amor inequívoco, esperança, respeito, confiança e pela prática dos sete P's (Potência, Permissão, Proteção, Percepção, Prática, Persistência, Paciência [Almeida et al, 2021])
- Ao escolher o diálogo sintonizado como prática o facilitador escolhe sair do lugar de detentor de todo o saber e soma os seus aos conhecimentos do aprendiz;
- Por meio da comunicação autêntica que se estabelece através do diálogo sintonizado a pessoa assume o papel de criador e sujeito da própria história;
- Quadros de Referências podem ser complementares e através do diálogo ampliar a compreensão de fenômenos e conceitos, aumentando a chance de consolidação dos conhecimentos.

A voz de Casalli (1996) quando lembra do que aprendeu com Freire, se alinha ao que entendemos como fundamento determinante para a adoção do diálogo como linha mestra no ensino da AT: o diálogo é um tecido, não se tece a educação sem deixar ao outro a palavra, o tempo, o espaço. Só é mestre da palavra quem é mestre do silêncio e do ouvido. Não há aprendizado, não há o novo, sem essa alteridade imprevisível.

Abordagens da Análise Transacional Educacional que apoiam a utilização da dialógica como estratégia de ensino

Comparando um educador de Análise Transacional com um agricultor, Barrow (2016) ressalta a importância do apoio do educador aos aprendizes nos estágios rumo à competência. Para isto, ele relaciona o nível de Desqualificação do aprendiz e o papel do educador no fortalecimento da jornada de aprendizado.

	Competência	Incompetência
Consciência	Desqualificação: Opções Papel do Educador: Observar	Desqualificação: Significado Papel do Educador: Tranquilizar
Inconsciência	Desqualificação: Capacidade Pessoal Papel do Educador: Refletir	Desqualificação: Existência Papel do Educador: Reconhecer


Tabela 01 – Níveis de Desqualificação e Papéis do Educador (adaptado de Giles Barrow -2016)

O aprendiz parte da inconsciência-incompetência para chegar à inconsciência-competência em relação aos conhecimentos alvo. Nesta última etapa, os conhecimentos estarão de tal maneira assimilados, na memória implícita, que dependerão menos da consciência deliberada para sua evocação. Ao longo desta caminhada, além da sintonização, o diálogo é parte integrante do campo relacional. Ao evoluir, a tarefa do aprendiz é qualificar e acomodar uma nova compreensão enquanto começa a praticá-la. Sua resistência natural




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXII 2023

será acompanhada pela paciência e pelas capacidades de observar, tranquilizar, reconhecer e estimular a reflexão do educador.

Outro aspecto ressaltado por Barrow (2016) é um conceito de Noddings & Shore (1984), conectado na essência com a ideia de um diálogo sintonizado, que é o de *caritas* educacional, que inclui o desejo de contato direto, envolvimento, profundo interesse e um compromisso apaixonado pelo assunto objeto do ensino. A *caritas* educacional inclui o amor nos atos de ensinar e aprender. Na metodologia dialógica de ensino-aprendizagem, o amor inequívoco parece ser ingrediente imprescindível. O outro, validado e respeitado na sua singularidade, acolhido integralmente, sentir-se-á incluído e pertencente ao campo relacional do ensinar-aprender Análise Transacional.

A ação dialógica proporciona um campo comum de convivência (Almeida et al, 2021) no qual responsabilidade e prática serão compartilhadas como também será conjunta a ação de determinar o que é útil, significativo ou prioritário dentro do escopo de conhecimentos.

A Análise Transacional Educacional supõe um método relacional e segundo Barrow (2016) seu objetivo é a liberdade: do Script de vida, das opções e da criatividade gerada pelas Transações de ensino-aprendizagem.

A *Physis*, termo empregado por Berne (1957) para nomear o desejo de crescer e renovar, está presente no cerne da AT Educacional. Ao lastrear a filosofia da AT na importância e no valor das pessoas em si mesmas, que cada uma terá uma visão própria e única de cada evento e que pode decidir se, o que e como mudar ou desenvolver; e ao incluir o Contrato como parte integrante do campo relacional de cura, Berne já aponta para a dialógica como método.

Outro modelo dialógico é apresentado nos livros de Clarke, especialmente no escrito em parceria com Dawson em 1989, reeditado em 1998, *Growing up again*, no qual a proposta



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

revolucionária é assumir a responsabilidade para crescer de novo, completando etapas do desenvolvimento, fortalecendo a Criança, através de uma aliança poderosa entre Estado do Ego Pai e Adulto. Um aprendizado dialógico interno para externar o aprendizado dialógico na educação dos filhos. As autoras trabalharam durante décadas em educação de pais, através de colaboração estreita com os pais aprendizes, na qual as experiências aplicadas eram incorporadas no escopo de conteúdo, como nas Afirmações de Desenvolvimento – que foram aos poucos se completando a partir de sugestões de pais aprendizes parceiros.

Pais, professores e outras pessoas podem apoiar o crescimento e a *Physis* através do diálogo sintonizado que por sua vez, apoiará a construção de significado e a elaboração de recursos e alternativas para resolução dos desafios da vida. A formação do *Script* faz parte deste aprendizado adaptativo, relacional e dialógico.

Newton (2016), ao falar da identidade do professor, descreve aspectos que são imprescindíveis para aquele que pretende apoiar o desenvolvimento das pessoas em um campo relacional dialógico. Segundo ela, não basta conhecer o tema ou desejar muito disseminá-lo, mas dentro do tema distinguir e compreender o que seus aprendizes precisam – na idade, no momento, nas circunstâncias onde estão. Este educador reconhecerá e aceitará a mutualidade do papel, pois também aprenderá no processo: acerca de si mesmo, dos seus aprendizes e do próprio tema mote do aprendizado.

O educador dialógico será capaz de livremente direcionar a *Catexia* dos seus Estados do Ego de modo a ter disponíveis um Pai Estruturante que negociará fronteiras e estruturas que poderão fortalecer a jornada de aprendizado; um Pai Protetor que acolherá e proporcionará ambiente de possibilidades para a pessoa e para o grupo; um Adulto que saberá dosar, segundo Biesta (2014) o conhecimento, analisando tempos e movimentos, deliberando o equilíbrio entre ganhos e perdas potenciais; e o Estado do Ego Criança proverá



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXII 2023

flexibilidade à consciência pilotada pelo Adulto, conexão empática e nivelamento bem humorado com os aprendizes.

Segundo Barrow (2015), o educador manterá presença ao longo dos diálogos de aprendizagem, senso de si mesmo, se relacionando com o aprendiz, viabilizando o contato para que o contrato de desenvolvimento se realize. A garantia da atenção sintonizada pode fortalecer as fronteiras do campo relacional onde acontecerá o aprendizado.

Berne (1961) propõe como objetivo ou resultado desejado para a pessoa consciente como sendo integrada - incorporando o calor e a espontaneidade da Criança e o julgamento maduro do Pai na consciência e responsividade do Adulto. Ao transpor este conceito para um educador dialógico, é rico pensar em um processo dinâmico e movimentado de sequentes Descontaminações; atenção a si, ao aqui agora e ao outro de modo a possibilitar relacionamentos autênticos, com Intimidade crescente e sustentada. O que Tudor (2003) descreve como uma personalidade pulsante, processando e integrando sentimentos, atitudes, pensamentos e comportamentos apropriados ao aqui e agora, o Adulto integrante.

Segundo Tigchlaar (2016) um fator determinante no campo relacional educador-aprendizes é exatamente a qualidade do diálogo. A saúde do diálogo, antecedida da Autonomia do educador, estimulará comportamentos saudáveis e autônomos nos aprendizes. Tigchlaar ainda menciona que um ambiente seguro e rico de Carícias poderá gerar impactos positivos na formação ou confirmação do *Script* do aprendiz – o que leva o pensamento à polaridade oposta, nos impactos de adoecimento gerados em um ambiente inseguro e escasso de Carícias.

Ao estudar a AT Educacional, além daqueles descritos até aqui, muitos são os conceitos aplicáveis na composição de um mapa de entendimento que apoiará o educador de AT na sua habilitação para estruturar e manter um campo relacional dialógico OKOK com



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

[@unatbrasil](https://www.instagram.com/unatbrasil)

ANO XXXII 2023

os aprendizes. Dentre muitos outros conceitos da AT ou de analistas transacionais, não específicos da área Educacional e além dos clássicos, destacamos os seguintes: Sintonização e Necessidades Relacionais (Erskine, R. Moursund, J. Trautmann, R. 2023), Operações terapêuticas (Berne, 1966), Imagos grupais (Berne, 1963), as Rodovias da Nutrição e Estruturação, Afirmções de desenvolvimento (Clarke e Dawson, 1989, 1998).

Aprender Análise Transacional supõe viver a AT, ensiná-la também. Assim, todo e qualquer conceito estudado e planejado para aplicação no campo dialógico de aprendizagem, inevitavelmente tocará aspectos pessoais do educador – que será impactado, percebendo ou não tal impacto. Assim, o voo pela AT Educacional será concluído com uma lista-lembrete representada pelos 7 P's.

Na Análise Transacional, os três Ps (ou "3Ps") se referem aos conceitos de Permissão e Proteção descritos por Crossman (1966, [embora Steiner tenha se referido à Permissão como um elemento de cura em um artigo publicado anteriormente em 1966]) e Potência conforme descrito por Steiner em 1968. Steiner (comunicação pessoal, 20 de setembro de 2015) lembrou uma conversa com Berne no início de 1966 sobre o papel da Permissão na cura de alcoólatras. Naquele diálogo Berne falou sobre a importância da Permissão para não beber. Juntos, os três Ps descrevem certas atitudes e atributos do terapeuta, bem como Transações específicas e fazem parte do que Steiner (1968) chamou de filosofia de tratamento da Análise Transacional. Em 1996, Clarke adapta os três primeiros P's para a prática educacional e acrescenta mais dois P's: Percepção e Prática (Clarke, 1998). Em 2021, os analistas transacionais autores da metodologia da Mentoria Integrativa Relacional, adaptam os cinco P's anteriores para a prática da mentoria e propõe mais dois P's Persistência e Paciência (Almeida et al, 2021).



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

Considerando toda essa base de referências segue a lista-lembrete para o Educador dialógico de AT que poderá promover a autoestima dos aprendizes e um campo relacional estimulante e seguro para todos:

Potência: ter firmeza atenciosa para definir e manter fronteiras, inclusive quanto ao manejo do relacionamento entre os aprendizes. Reconhecer a própria Potência, entender seus impactos e se preparar para exercê-la adequada e dialogicamente.

Proteção: manter o campo relacional abastecido de Carícias de modo que os aprendizes ultrapassem a barreira do constrangimento ou não Oqueidade e se lancem ao aprendizado. Estabelecer nivelamento para que o Estado do Ego Adulto dos aprendizes possa ser catexizado, viabilizando assim a conexão com a realidade objetiva.

Permissão: para que os aprendizes possam errar sem sofrimento, para que os erros sejam portais de novos aprendizados, para que todas as perguntas, necessidades, dúvidas, curiosidades e emoções/sentimentos sejam expressos, acolhidos e qualificados como partícipes do aprender.

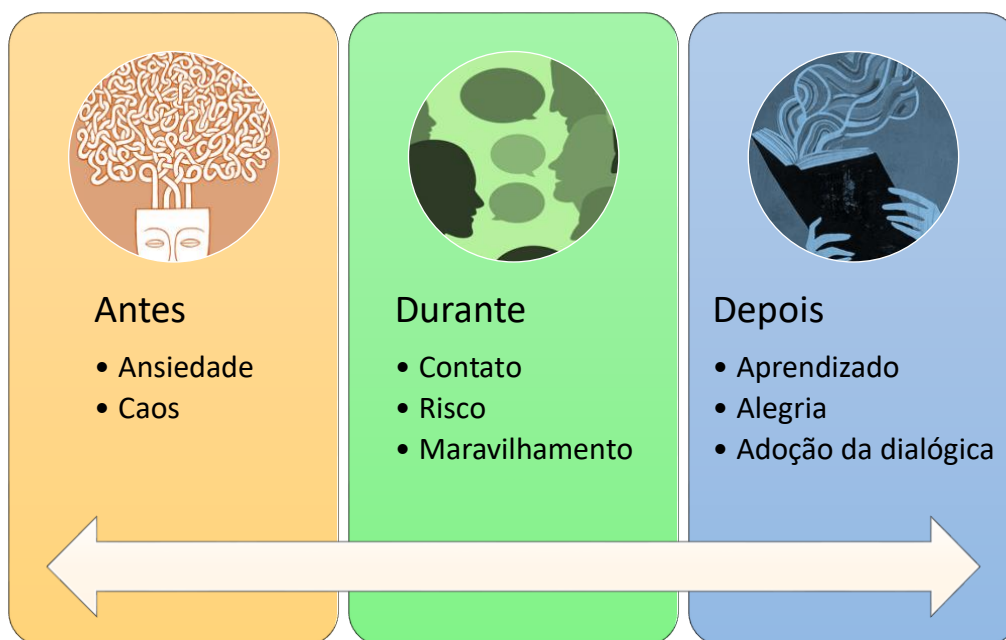
Percepção: manter a atenção sintonizada e presença qualificada, para perceber cada pessoa na sua singularidade, os processos do grupo, a evolução das Imagos grupais de modo a escolher a intervenção adequada e tempestiva.

Prática: incluir no campo relacional do aprendizado atividades de experimentação e qualificar os relatos da aplicação dos conteúdos pelos aprendizes.

Persistência: prover condições para que nenhum dos participantes do campo dialógico de aprendizado desista da jornada, entendendo que o aprender (assim como a mudança) não é um processo linear, e que passa por avanços e retrocessos até a completa consolidação dos conceitos e conteúdos. O reconhecimento de cada passo conquistado é a nutrição para o próximo passo.

Paciência: respeitar o tempo de aprendizado de cada pessoa e do grupo. Cada pessoa tem um ritmo muito particular de absorção, elaboração e consolidação do conhecimento. O educador também estimula o aprendiz a ter paciência consigo mesmo, validando sua caminhada, valorizando seus passos, reconhecendo seus movimentos.

Relato de Caso



A seguir o relato de uma facilitação dialogada, em um curso de Introdução à Análise Transacional, AT 101, realizada por participantes de um curso de Formação em Análise Transacional, AT 202. Esta foi a primeira experiência dos membros do grupo com este tipo de facilitação e podemos dividir o relato em três momentos: antes, que diz respeito ao momento em que o grupo iniciou a preparação do curso, durante a facilitação e, por fim, depois da facilitação, os impactos que este novo formato produziu nas pessoas.



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

[@unatbrasil](https://www.instagram.com/unatbrasil)

ANO XXXII 2023

Antes

Antes da facilitação os membros do grupo relataram se sentir ansiosos, sua referência de estrutura para conduzir grupos eram apresentações em programas de computador, projetadas, estrutura essa que gera o senso de segurança e apoio. Quando são desafiados para a experimentação da roda de diálogo como metodologia, entra em cena o Estado do Ego Pai Crítico no Diálogo Interno, desqualificando o preparo, o conhecimento e a capacidade de cada um. Na fantasia do Estado do Ego Criança, acreditam que os participantes do AT 101 esperavam conteúdo, material e apresentação de *slides* e que o não atendimento desta expectativa certamente geraria “avaliações” negativas.

Durante

Durante a facilitação o relato é de que a ansiedade é substituída pelo maravilhamento de fazer contato com as pessoas, apoiar o desenvolvimento dos outros e crescer junto, ver acontecer na prática o aprendizado, ver a relação de troca se estabelecer, perceber o interesse do grupo, também porque os facilitadores estão interessados neles. Segundo os alunos facilitadores a roda de diálogo expõe mais o facilitador, permite um aprendizado profundo e a conexão com o outro se estabelece. Para isso é importante que o facilitador esteja com o Estado do Ego Adulto integrante catexizado, pois as pessoas se sentem com uma liberdade maior e o momento de aprender, de intimidade, ocorre mais rapidamente.

Depois

O aprendizado é que o foco é a necessidade do grupo e não a autoafirmação, desejos e necessidades do facilitador. Sair da estrutura tradicional de uma facilitação pressupõe



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXII 2023

prestar atenção no grupo para poder acompanhar o ritmo e necessidades que emergem. Do nosso ponto de vista, quando os facilitadores perdem o protagonismo e o grupo é o protagonista, o desenvolvimento aconteceu. Sensação de alívio e alegria é relatada quando os alunos facilitadores percebem que conseguiram atingir seus objetivos com a facilitação, sem a necessidade da estrutura tradicional. Na roda de diálogo o facilitador se mostra e é a partir desse contato que o desenvolvimento do grupo acontece. Ao experimentar a utilização do chão como recurso para apresentação de conteúdos, entraram em contato com os resultados produzidos e vislumbraram outras possibilidades: este passa a ser o novo modelo de facilitação. Os alunos facilitadores deste AT 101 estenderam a utilização da roda de diálogo para suas atividades profissionais.

Considerações Finais

Ao refletir sobre aprendizado da atenção, formação de memórias de longo prazo e aplicação dos conhecimentos, parece que a mediação destes fenômenos pelo diálogo sintonizado é fator determinante.

Um campo relacional dialógico pode propiciar o atendimento das necessidades de contato, estímulo, reconhecimento, estrutura, mutualidade e espaço de expressão. A partir da experiência aqui relatada foi possível considerar que, além das demais metodologias ativas, ao ensinar a AT utilizando o diálogo sintonizado como eixo central, há maior possibilidade de conexão com o foco de atenção daquele que aprende, o que viabiliza maior elaboração dos conteúdos e a retenção na memória de longo prazo, conceitos, instrumentos e práticas da Análise Transacional.

A contribuição da Análise Transacional Educacional, nos seus vários conceitos, alguns aqui citados, nos mostra a importância do contato entre educador e aprendiz, ressaltando o



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXII 2023

diálogo, a qualidade de presença e o empoderamento do aprendiz. Estes indicativos orientam a geração da Oqueidade, pilar central da teoria do Berne.

O experimento com os alunos facilitadores de AT 202 produziu um impacto tão importante que a roda de diálogo se transpôs para a prática profissional deles. Este primeiro ensaio sobre o assunto dentro das aplicações da Análise Transacional abriu janelas de possibilidades. Nossa sugestão e nosso interesse é realizar um Projeto de Pesquisa mais amplo, expandindo o público consultado, com o objetivo de confirmar nossas percepções e propor uma metodologia sistemática para a prática do ensino dialogado da Análise Transacional

Referências Bibliográficas

- Almeida, Maria Imaculada *et al* (2021). *Mentoria Integrativa Relacional: Uma Jornada Humanista de Desenvolvimento sob a ótica da Análise Transacional*. Curitiba: Instituto Mentoria Integrativa Relacional.
- Atkinson, R.C. E Shiffrin, R.M. (1968). Human Memory: A Proposed System and Its Control Processes. Em: Spence, K W E Spence, J.T. (Eds). *The Psychology of Learning and Motivation: Vol.2. Advances in Research and Theory*. Nova York: Academic Press.
- Atkinson, R. C.; Shiffrin, R. M. (1971) The Control Of Short-Term Memory. Technical Report, 173, P. 1-43. Disponível Em: https://Web.Stanford.Edu/Group/Csli-Supes/Techreports/Imsss_173.Pdf. Acesso Em: 17 De Maio De 2023
- Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R., & Racionero, S. (2008). *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información*. Barcelona: Hipatia.
- Barrow, G. (2011). *Educator as Cultivator Transactional Analysis Journal* Vol. 41, No. 4.
- Barrow, G. & Newton, T (editors) (2016). *Educational Transactional Analysis: An international guide to theory and practice*. Routledge Taylor & Francis Group: London e New York.
- Berne, E. (1957). *A Layman's Guide to Psychiatry and Psychoanalysis*. Simon & Schuster @Trade - New York
- Berne, E. (1963). *The Structure and Dynamics of Organisations and Groups*. New York: Grove Press.



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

- Berne, E. (1966). Principles of Group Treatment. Menlo Park, Ca: Shea Books.
- Berne, E. (1972). What Do You Say After You Say Hello? New York: Grove Press.
- Berne, E. (1977). Intuition and Ego States (An Anthology Of Papers). San Francisco, Ca: Ta Press.
- Biesta, G. (2014). The Beautiful Risk of Education. London: Paradigm.
- Binder, J. & Desai, R. (2001). A Neurobiologia da Memória Semântica. Tendências em Ciências Cognitivas. 15 (11) 527-536.
- Camina, E. & Güell, F. (2017). A Base Neuroanatômica, Neurofisiológica e Psicológica da Memória: Modelos atuais e suas origens. Frontiers in Pharmacology, Vol. 8. <https://doi.org/10.3389/fphar.2017.00438>.
- Cardoso, S.H. (2006). Memória: O que é e como melhorá-La. Retirado Em 17/05/2023, No Endereço Eletrônico: <http://www.Cerebramente.Org.Br>.
- Chang, T.M. (1986). Memória Semântica: Fatos e Modelos. Boletim Psicológico. 99 (2), 199–220.
- Clarke J.I. E Dawson C. (1988). What Is Frame Of Reference? We - Newsletter for Nurturing Support Groups. Issue 46 Vol. 8 No. 4.
- Clarke, J.I. Dawson, C. (1989,1998). Growing up Again: Parenting ourselves, parenting our children. Hazelden: Center City, Minnesota, USA.
- Clarke, Jean. Utilização sinérgica de cinco conceitos da Análise Transacional na educação. Transactional Analysis Journal 26 (3), July 1996 in Revista Brasileira de Análise Transacional, ano VII/VIII, 1997/1998.
- Cosenza, R.M & Guerra, L.B. (2011). Neurociência e a Educação: Como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed.
- Crossman, P. (1966). Permission and protection. Transactional Analysis Bulletin, 5(19), 152–154.
- Dantas,G. (2023). Memória. Brasil Escola. Disponível Em: <https://brasilescola.uol.com.br/psicologia/memoria-1.htm>. Acesso Em 17 De Maio De 2023.
- Erskine, R. Moursund, J. Trautmann, R. (2023). Beyond Empathy: A Therapy of Contact In Relationship. Routledge Taylor & Francis Group. London Uk.
- Fávero, O. (2011). Paulo Freire: importância e atualidade de sua obra. E-curriculum, São Paulo, v. 7, n. 3, Edição especial de aniversário de Paulo Freire. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/7589/5541>. Acesso em: 31.05.2023
- Freire, Ana M.A. (2017). Pedagogia da libertação em Paulo Freire. Paz e Terra. Rio de Janeiro (RJ).
- Freire, P. (1983). Pedagogia do oprimido. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1989). A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo.



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

Freire, P. (2019). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. & Gadotti, M. & Guimarães, S. (2017). *Pedagogia: diálogo e conflito*. Cortez: São Paulo.

Freire, P. & Guimarães, S. (1984). *Sobre educação: Diálogos*. Volume 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª. Edição.

Gadotti, M. (org) (1996). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez.

García-Lázaro Haydée, G., Ramirez-Carmona, R., Lara-Romero, R. e Roldan-Valadez E. (2012). Neuroanatomia da Memória Episódica e Semântica em Humanos: Uma breve revisão dos estudos de neuroimagem. *Neurology India*. 60 (6) 613-617.

Garrard, P., Perry, R., & Hodges, J.R. (1997). Distúrbios Da Memória Semântica. *Jornal de Neurologia, Neurocirurgia e Psiquiatria*. 62 (5), 431-435.

Goleman, D. (2011). *Inteligência Emocional: Novas Perspectivas*. Rio De Janeiro: Objetiva.

Heiller, B. Sills, C. (2010). *Life Scripts: An Existential Perspective (in Life Scripts, Edited Richard Erskine, Karnac)*

Hine, J. (1997). Mind Structure and Ego States – *Transactional Analysis Journal* Vol. 27. No.4.

Noddings, N., & Shore, P. J. (1984). *Awakening the inner eye: Intuition in education*. New York, NY: Teachers College Press.

Paulo Freire e a educação dialógica. Vitória, SEDU-Secretaria de Estado da Educação e Cultura, Departamento de Apoio Técnico e Pedagógico, 1984, n.p. (mimeo) Paz e Terra.

Schiff, A., & Schiff, J. L. (1971). Passivity. *Transactional Analysis Journal*, 1(1): 71-78.

Schiff J.L, Schiff E. e Schiff A (1975). Frames of Reference. *Transactional Analysis Journal* 5: 290.

Schiff, J. L. (Ed.) (1975). *Transactional Analysis Treatment of Psychosis*. Cathexis Reader. New York: Harper & Row.

Squire Lr (1987). *Memory and Brain*. New York: Oxford Univ Press, 1987.

Steiner, C. (1966). Script and counterscript. *Transactional Analysis Bulletin*, 5(18), 133–135.

Steiner, C. (1968). Transactional analysis as a treatment philosophy. *Transactional Analysis Bulletin*, 7(27), 61–64.


Steiner, C. (1971). *Games alcoholics play: The analysis of life scripts*. New York, NY: Grove Press. Steiner, C. (1974).


Trevisol, M. *Ensino, Aprendizagem e Práticas Pedagógicas*. Plano de Ensino (2018) - Universidade do Oeste de Santa Catarina, Unoesc, Joaçaba-SC.




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXII 2023

Tudor, K. (2003). The Neopsyche: The integrating Adult Ego State, *in* Sills, C. and Hargaden, H. (ed.) Key Concepts in Transactional Analysis: Contemporary viwes, London: Worth.

YOSHIDA, Winston Bonetti. Redação do relato de caso. São Paulo: Jornal Vascular Brasileiro, v. 6, n. 2, p. 112-113, 2007.

Autoras

Carolina Schmitz da Silva, Analista Transacional certificada para as áreas Organizacional e Educacional, membro didata em Formação (UNAT Brasil), Mentora Integrativa Relacional Educadora e Supervisora, Head de Administração do Instituto Mentoria Integrativa Relacional. Pode ser contatada em carolina@institutomir.com.br.

Ede Lanir Ferreira, Didata em Análise Transacional nas áreas de Psicoterapia e Ciências da Saúde, certificada em Psicoterapia e Educacional (UNAT Brasil), Psicóloga, Especialista em Gerontoogia Social, Análise Transacional e Neurociências. Pode ser contatada em edelanirf@gmail.com.

Maria Imaculada Gonçalves de Almeida, Didata em Análise Transacional, certificada nas áreas Organizacional e Educacional (UNAT Brasil), Mentora Integrativa Relacional Educadora e Supervisora, Head de Pesquisa e Desenvolvimento do Instituto Mentoria Integrativa Relacional. Pode ser contatada em maku@institutomir.com.br.